

OCIEDADE DE  
CULTURA  
ARTÍSTICA

# Temporada

Abril 8 - 18 - 22

Dame Kiri Te Kanawa, *soprano*

Abril 14 - 15 - 16

Collegium Vocale

Philippe Herreweghe, *regência*

Maio 20 - 21 - 22

Jean-Yves Thibaudet, *piano*

Junho 2 - 3 - 4

Orpheus Chamber Orchestra

Radu Lupu, *piano*

Junho 23 - 24 - 25

Os Virtuoses de Moscou

Vladimir Spivakov, *regência e violino*

Julho 2 - 3 - 4

Alban Berg Quartet, *cordas*

Agosto 27 - 28 - 29

City of Birmingham Symphony Orchestra

Sir Simon Rattle, *regência*

Setembro 15 - 16 - 17

Melos Quartet e Martin Lovett, *cordas*

Outubro 6 - 7 - 8

Gustav Leonhardt, *cravo*

Novembro 11 - 12 - 13

Orchestre Philharmonique de Strasbourg

Theodor Guschlbauer, *regência*

Nelson Freire, *piano*



TALENT  
\*DIMENSIONAL VIBRAL DAS TELAS: 40" = 101 CM E 56" = 142 CM



# TOSHIBA DOUBLE WINDOW. SE A GENTE FOSSE FAZER UM ANÚNCIO TAMANHO NATURAL IA PRECISAR DE UM OUTDOOR.

NOVOS TOSHIBA  
MEGASCREEN/DOUBLE WINDOW  
40" E 56".\*

- NOVO FORMATO THEATER WIDE SCREEN (TELA DE CINEMA)
- DOUBLE WINDOW (DUAS IMAGENS SIMULTÂNEAS NA TELA)
- MULTI WINDOW (DEZ IMAGENS SIMULTÂNEAS NA TELA)
- STEREO SURROUND
- SAP
- CONTROLE REMOTO UNIFICADO
- SINTONIA AUTOMÁTICA VHF/UHF/TV A CABO
- 181 CANAIS
- PAL-M/NTSC
- PROCESSADOR DIGITAL DE IMAGENS
- 800 LINHAS DE RESOLUÇÃO
- ULTRA SLIM DESIGN (PROFUNDIDADE MÁXIMA: 40" = 39,8 CM · 56" = 63,5 CM)



HOT LINE: (011) 523-9744

PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS. CONHEÇA A AMAZÔNIA.



# TOSHIBA

## SEMP TOSHIBA

OS NOSSOS JAPONESES SÃO MAIS CRIATIVOS QUE OS JAPONESES DOS OUTROS.

1997

SOCIEDADE DE  
**CULTURA**  
**ARTÍSTICA**  
*apresenta*

Orchestre Philharmonique  
de Strasbourg  
Orquestra Nacional

Theodor Guschlbauer  
*direção musical e regência*

Nelson Freire  
*piano*

*Esta turnê Sul-americana da  
Orchestre Philharmonique de Strasbourg  
tornou-se possível graças ao apoio financeiro  
da Municipalidade de Estrasburgo*

apoio



Apoio  
Institucional  
da Prefeitura do  
Município de  
São Paulo  
Lei 10.923/90



Lufthansa

promoção



patrocínio

**BOVESPA**  
*Bolsa de Valores de São Paulo*

SEMP TOSHIBA



UNIBANCO








*Orchestre  
Philharmonique  
de Strasbourg*





Criada em 1855, a Orquestra Filarmônica de Estrasburgo deve sua reputação não apenas à excelência de seu efetivo de mais de uma centena de músicos como também à marca que Regentes como Hans Pfitzner, Otto Klemperer, Hans Rosbaud, Ernest Bour, Alceo Galliera, Alain Lombard e Theodor Guschlbauer, Diretor Musical da Filarmônica de Estrasburgo desde 1983, souberam imprimir à Orquestra ao longo do tempo.

Festejada nacionalmente, há diversos anos, como uma das mais importantes “Orquestras Nacionais” da França, a Filarmônica de Estrasburgo desfruta também de grande prestígio internacional, conquistado em suas turnês a diversos países da Europa, à Rússia, aos Estados Unidos e ao Japão. Além de sua temporada anual de mais de trinta concertos, em Estrasburgo, de suas gravações, de seus programas para a televisão francesa e de suas turnês internacionais, a Orquestra tem participado regularmente dos mais importantes eventos de música da Europa, dentre os quais se destacam os Festivais de Aix-en-Provence, Besançon, Montreux, Ascona, Bratislava, Paris, Orange, Montpellier, Londres, Flandres, Saint-Denis, Atenas, Gran Canaria, Lisboa e Luxemburgo. A Filarmônica de Estrasburgo é ainda a orquestra residente da Temporada Lírica Anual da Ópera do Reno e presença constante no *Festival MUSICA* e no *Festival de Musique de Strasbourg*, que acontecem anualmente nessa cidade.

A discografia da *Orchestre Philharmonique de Strasbourg*, registrada sobretudo para o selo *ERATO*, abriga mais de trinta álbuns, diversos deles premiados, e abrange importantes obras do repertório lírico e de concerto dos séculos XVIII, XIX e XX.

Em novembro de 1996, a *Orchestre Philharmonique de Strasbourg* foi agraciada pelo *Forum Européen de la Culture* com o *Prix Européen d'Orchestre Symphonique*.

*Orchestre Philharmonique de Strasbourg*  
Direção Musical e Regência: Theodor Guschlbauer

**Primeiros Violinos**

Amiran Ganz  
Evelyne Alliaume  
Philippe Lindecker  
Igor Keller  
Janine Kieffer  
Jean-Claude Laidet  
Martine Gaudefroy  
Marc Schaefer  
Patricia Schaefer  
Marc Muller  
Serge Nansenet  
Tania Sakharov  
Fabienne Demigne  
Sylvie Brenner  
Christine Rolinger  
Músicos substitutos  
Stéphanie Cortone  
Florence Berdat  
Isabelle Hermann

**Segundos Violinos**

Anne Fuchs  
Serge Sakharov  
Etchika Ogawa  
Nadine Albin  
Gilles Bramant  
Florence Kunzer  
Olivier Renault  
François Lucas  
Odile Obser  
Florence Togonal  
Eric Rigoulot  
Agnès Martin  
Emmanuelle Antony  
Malgorzata Calvayrac  
Músico substituto  
Muriel Bardon

**Violas**

Claude Ducrocq  
Gérard Pacholski  
Nicole Acabo  
Martine Fichter  
Danielle Hugon  
Jean Haas  
Roland Cheney  
Laszlo Gacser  
Florence Jemain  
Françoise Guillard  
Ingrid Bundgen  
Odile Simeon-Drevon  
Bernard Barotte

**Violoncelos**

Jean Deplace  
Véronique Fuchs  
Olivier Roth  
Jean-Claude Haerrig  
Franck Silec  
Christiane Knoeller  
Claude Bussiere  
Jean-François Guyot  
Tanguy Rioche  
Philippe Belguedj  
Christophe Calibre  
Músico substituto  
Alexandre Piquion

**Contrabaixos**

Stephan Werner  
Richard Bianco  
Gilles Venot  
Jean-Pierre Hermann  
Jean-Pierre Alliaume  
Pierre Schumpp  
Claire Bidault  
Jean-Yves Benichou

**Flautas**

Sandrine Francois  
Anne Clayette  
Pierre Aymonnier  
André Descos  
Músico substituto  
Cécile Viot

**Oboés**

Pierre Venot  
René Bellier  
Pierre Carette  
Jean-Michel Cretet  
Músico substituto  
Joëlle Stussi

**Clarinetas**

Pierre Bregeot  
Valentin Sakharov  
Etieune Bardon  
Músicos substitutos  
Ariane Gobin  
Yann Ghiri

**Fagotes**

Jean-Christophe  
Dassonville  
Daniel Sablyarolles  
Philippe Bertrand  
Gilbert Charvet  
Alain Deleurence

**Trompas**

Georges Delvigne  
Kevin Cleary  
Kevin Leipp  
Gérard Rabu  
Rémy Abraham  
Jean-Paul Stocker  
Músico substituto  
Jean-Philippe Chavey

**Trompetes**

Vincent Gillig  
Jean-Christophe Mentzer  
Mard Forfert  
Daniel Stoll  
Angela Fontaine

**Trombones**

Bernard Poulain  
Jean-Marie Dietschy  
Dominique Watre  
Régis Carrouge

**Tuba**

Micaël Cortone

**Tímpanos**

Denis Riedinger  
Norbert Jensen  
Gabriel Bouchet  
Stéphan Fougeroux  
Olivier Pelegri  
Músicos suplementares  
Frank Josephs  
François Combemorel

**Harpas**

Pierre-Michel Vigneau  
Músico substituto  
Anne-Sophie Bertrand

**Celesta**

Músico suplementar  
Catherine Deville

**Saxofones**

Músicos suplementares  
Philippe Geiss  
Christophe Fourmaux





# Theodor Guschlbauer

*direção musical e regência*

Nascido em Viena, em 1939, Theodor Guschlbauer, antes de iniciar sua formação como Maestro, estudou piano e violoncelo. Posteriormente, formou-se em regência sob a orientação de Hans Swarowsky, especializou-se com Maticic e Karajan e deu início a sua carreira profissional como Regente na *Wiener Volksoper* e no *Landestheater* de Salzburgo. Nomeado Diretor Musical da Ópera de Lyon em 1969, seis anos depois assumiria a posição de *Generalmusikdirektor* em Linz e desde 1983 é Diretor Musical e Artístico da *Orchestre Philharmonique de Strasbourg*.

Regente Convidado das mais importantes orquestras do mundo – dentre as quais se destacam as Filarmônicas de Viena, Munique, Londres e Israel, a *London Symphony Orchestra*, a *Orchestre de Paris*, a *Orchestre de la Suisse Romande*, a Orquestra do *Gewandhaus* de Leipzig, a Sinfônica da Rádio da Bavária e a Orquestra da *Accademia Santa Cecilia* de Roma –, Guschlbauer é também presença constante em eventos como os Festivais de Salzburgo, Aix-en-Provence, Orange, Praga, Bregenz, Flandres, Oxford, Lucerna, Montreux, Ascona, Verona e, ainda, no *Maggio Musicale Fiorentino*. Na cena lírica, Theodor Guschlbauer tem-se apresentado como Regente Convidado nas Óperas de Hamburgo, Colônia, Munique, Viena, Genebra, Zurique, Bruxelas e Lisboa, na *Opéra Bastille* e no *Scala* de Milão.

A discografia do Maestro Guschlbauer, à frente da Filarmônica de Estrasburgo e também de outros conjuntos orquestrais, inclui mais de 60 títulos, diversos deles agraciados com o *Grand Prix du Disque*.

Em 1996, Theodor Guschlbauer foi homenageado com o *Prix Mozart* do Instituto Goethe da Basileia, com o *Prix d'Honneur* da *Fondation Alsace* e com o *Prix Européen d'Orchestre Symphonique*, conferido à Orquestra Filarmônica de Estrasburgo e a seu Diretor Musical pelo *Forum Européen de la Culture*.

# Nelson Freire

piano



Ao longo dos últimos anos, a crítica internacional especializada tem sido unânime em apontar Nelson Freire como um dos poucos pianistas verdadeiramente transcendentais da atualidade. Para a revista francesa *Le Monde de la Musique*, “sua técnica é a mais perfeita que hoje se conhece”; para o *Times* de Londres, ele é “um verdadeiro leão do teclado”; e de acordo com o *Dictionnaire des Interprètes*, “desde os quatro anos de idade Nelson Freire já apresentava qualidades pianísticas indiscutíveis”. Consagrado no mundo todo, Nelson Freire persiste um artista calado, observador, sóbrio em seus julgamentos e inimigo de qualquer afetação social, levando uma vida de completa dedicação à música.

Mineiro nascido em 1944, de uma família marcadamente musical, desde muito menino mostrou talentos e habilidades excepcionais para a música. Tão excepcionais que sua família transferiu-se para o Rio de Janeiro para que o talentosíssimo garoto pudesse prosseguir sua formação com Nise Obino e Lúcia Branco, as melhores professoras da época. Munido de sólida e impecável instrução musical e pianística, Nelson Freire mostrou sua veia de grande artista já aos doze anos de idade, ao vencer o I Concurso Internacional de Piano do Rio de Janeiro.

Uma vez concluída sua formação brasileira, transferiu-se, ainda bastante jovem, para a Europa para estudar na Escola Superior de Música de Viena. Quando de sua permanência nessa prestigiosíssima Instituição, sua interpretação da Sonata em Fá sustenido menor, de Johannes Brahms, deixaria perplexos professores e colegas. Em 1964, com vinte anos, receberia a Medalha de Ouro Dinu Lipati, em Londres, e venceria o Concurso Viana da Mota, em Lisboa.

Em sua trajetória artística, Nelson Freire reflete cintilações de pianistas como Guiomar Novaes, Rachmaninoff, Horowitz e Rubinstein, nomes que sempre o inspiraram, marcando profundamente a sua formação. O encontro de Freire com Martha Argerich, por sua vez, trouxe à luz um dos mais extraordinários duos de piano do século XX.

Como recitalista, Nelson Freire freqüenta as melhores salas de música do mundo. Como solista de concerto, colabora regularmente com formações como a Filarmônica de Berlim, a *Royal Philharmonic* de Londres, a Filarmônica de Israel e a Orquestra do *Concertgebouw* de Amsterdã, sob a regência de maestros como Lorin Maazel, Charles Dutoit, Eduardo Mata, André Prévin e Kurt Masur, dentre outros. Em seus recitais solo e em seus concertos, a consagração do público e o encantamento da crítica especializada têm sido uma constante.

A discografia de Nelson Freire, que há muitos anos optou por não manter contratos de exclusividade fonográfica, abrange inúmeros álbuns, registrados para os selos *Philips*, *CBS*, *Teldec*, *Deutsche Grammophon* e *Berlin Classics*. Em 1972, sua gravação dos 24 Prelúdios de Chopin conquistou o Prêmio *Edison*, um dos mais importantes prêmios do mundo do disco.



*O Unibanco oferece ótimas opções para você, que deseja investir em você mesmo.*



W/Brasil

*Alguns dos melhores investimentos do Unibanco não são feitos para dar lucro. Mas podem trazer um excelente retorno para você. O Unibanco mantém o Instituto Moreira Salles, que desenvolve uma programação cultural própria e diversificada. Suas atividades incluem exposições de arte, concertos, cursos, conferências e os Espaços Unibanco de Cinema – são mais de 20 salas de projeção no Rio, São Paulo, Belo Horizonte e Porto Alegre.*

*Em cinema, o Unibanco já participou de filmes como A Ostra e o Vento, de Walter Lima Junior, Como Nascem os Anjos, de Murilo Salles, e Foolish Heart, de Hector Babenco.*

*Em música, o Unibanco patrocina vários projetos, que vão do clássico ao jazz. Nomes como Frederica Von Stade, Oscar Peterson e Betty Carter se apresentaram no Brasil através desse apoio.*

*São investimentos de primeira linha, que o Unibanco pretende manter em sua carteira por um longo prazo.*

# UNIBANCO

Banco Único

# Programa

11 DE NOVEMBRO – TERÇA-FEIRA, 21H

## Primeira Parte

PAUL DUKAS (1865 – 1935)

O Aprendiz de Feiticeiro

BÉLA BARTÓK (1881 – 1945)

Concerto para Piano e Orquestra nº 3

*Allegretto*

*Adagio religioso*

*Allegro vivace*

Nelson Freire, piano

## Segunda Parte

ANTONÍN DVORÁK (1841 – 1904)

Sinfonia nº 7, em Ré menor, *Opus 70*

*Allegro maestoso*

*Poco Adagio*

*Scherzo – Vivace*

*Allegro*





12 E 13 DE NOVEMBRO – QUARTA E QUINTA-FEIRA, 21H

Primeira Parte

JOHANNES BRAHMS (1833 – 1897)

Concerto para Piano e Orquestra nº 2, em Si bemol maior, *Opus 83*

*Allegro non troppo*

*Allegro appassionato*

*Andante*

*Allegretto grazioso*

Nelson Freire, piano

Segunda Parte

MAURICE RAVEL (1875 – 1937)

Rapsódia Espanhola

*Prélude à la nuit*

*Malagueña*

*Habanera*

*Feria*

Alborada del Gracioso

Bolero



# Programa Membership Rewards da American Express®



**4.000 pontos**



**2.500 pontos**



**5.000 pontos**



**2.000 pontos**



**2.000 pontos**



## O céu não é o limite.

A American Express oferece um mundo de recompensas para seus Associados através do programa Membership Rewards. Cada dólar ou o equivalente em reais de despesas efetuadas com os cartões vale 1 ponto. A partir de 2.000 pontos você pode ganhar um desconto de US\$ 100 na instalação da TV por assinatura TVA. Pode também transferi-los para os programas de milhagem das companhias aéreas Air France e Swissair/Austrian AirLines ou para os programas de incentivo das redes de hotéis ITT-Sheraton, Renaissance e Westin.

E, com 2.500 pontos, você já pode contar com descontos na compra de equipamentos IBM.

Cada 4.000 pontos dão direito a uma diária para duas pessoas em hotéis espalhados pelo Brasil.

E com 5.000 pontos você pode optar por uma diária na locação de um automóvel na Localiza.

Em qualquer uma dessas duas últimas opções, você pode solicitar diárias consecutivas, de acordo com a sua disponibilidade de pontos.


Mas esse é só o começo.

**Inscreeva-se agora mesmo.  
Ligue 0800 78-5050.**



Membership Rewards





PAUL DUKAS (1865 – 1935)

### O Aprendiz de Feiticeiro

Compositor e crítico musical muito respeitado por seus colegas e pelo público, Dukas foi um juiz bastante severo de sua própria obra.

Basta dizer que entre suas primeiras partituras da década de 1880 e o Soneto de Ronsard, de 1924, permitiu que apenas quinze obras suas fossem divulgadas. Entre elas se destacam: Sinfonia em Dó maior (1895-96), Sonata para Piano em Mi bemol (1899-1901), *Ariane et Barbe-bleue*, ópera sobre texto de Maeterlinck (1899-1906), e o balé *La Péri* (1911-12).

Outras onze partituras, das quais se tem notícia, foram possivelmente destruídas pelo autor, já que seus originais nunca foram localizados. Músico voltado para a tradição clássico-romântica, que ele soube renovar através de uma série de toques pessoais, Dukas foi um fino harmonizador e um orquestrador ainda mais requintado.

*L'Apprenti Sorcier* (O Aprendiz de Feiticeiro), que o compositor chamou de “*scherzo* baseado em Goethe”, é um poema-sinfônico inspirado em uma balada do poeta alemão. Desde que apareceu, em 1897, tornou-se a partitura mais popular do autor. Recebeu até mesmo uma versão cinematográfica: em *Fantasia*, filme de animação de Walt Disney lançado em 1940, o Aprendiz é encarnado pelo ratinho Mickey. Um resumo do poema *Der Zauberlehrling*: deixado a sós pelo mestre, com uma série de tarefas a fazer, o Aprendiz anima uma vassoura, graças a uma fórmula mágica, a fim de que ela realize o seu trabalho. A vassoura acaba por provocar uma inundação no laboratório. O Aprendiz tenta detê-la, cortando-a com um machado. Resultado: a vassoura se multiplica, redobrando os estragos. É apenas com a chegada do Feiticeiro que as coisas voltam à ordem.


De um ponto de vista puramente musical, O Aprendiz de Feiticeiro tem a animação de um *scherzo* e a estrutura de uma forma-sonata baseada em quatro temas principais. Estes são esboçados na curta e lenta introdução, que evoca a atmosfera misteriosa do laboratório do Feiticeiro. Quando a orquestra se anima, é para mostrar um tema sincopado (o da vassoura), logo associado a um motivo fluido que lembra o escorrer da água (o do encantamento); um terceiro tema, bastante alegre, vem se entrelaçar aos outros (o do Aprendiz) em meio a uma crescente animação sonora. A reexposição de todo esse material é feita depois de um estratégico silêncio, o qual, por sua vez, é precedido de um “golpe” de toda a orquestra (a machadada aplicada à vassoura mágica). A animação crescente leva o discurso à beira do frenesi. Impõe-se, então, o quarto motivo, nos sopros (o Feiticeiro), que traz o apaziguamento a toda essa agitação. E a obra chega ao fim através de gestos sonoros a cargo de toda a orquestra, que lembra um sonora gargalhada.

BÉLA BARTÓK (1881 – 1945)

### Concerto para Piano e Orquestra nº 3

Béla Bartók é hoje considerado um dos mais importantes compositores da primeira metade do século XX. As inovações que ele trouxe à harmonia, a liberdade com a qual tratou o ritmo, a imaginação sonora revelada em partituras destinadas às mais diversas formações instrumentais e vocais, além de um original manejo das formas tradicionais, fazem dele figura dominante no cenário artístico de nossa época. Nascido no interior da Hungria, em terras hoje pertencentes à Romênia, Bartók foi sempre muito ligado às manifestações folclóricas de várias regiões da Europa e mesmo da África e da Ásia. Ao lado de Kodály, coletou da maneira mais científica possível milhares de exemplares sonoros de vários povos, preservando-os para a posteridade. Em sua produção, entretanto, raramente fez uso direto do material folclórico.

Inicialmente influenciado pelas personalidades antitéticas de Richard Strauss e Claude Debussy, Bartók rapidamente chegou a um estilo pessoal, logo nos primeiros anos do século.



**A Europa é o máximo –  
39 países, 38 idiomas, 34 moedas.  
Mas, o que é o máximo mesmo é  
que você pode fazer conexões para  
103 cidades européias através  
de um único aeroporto.**

**Numa única companhia aérea.**

De Frankfurt, no coração da Europa, até a maioria das cidades européias é um pulinho. Voando pela Lufthansa, é claro. A companhia aérea que liga mais destinos na Europa do que qualquer outra, através do Aeroporto de Frankfurt. Considerando a sua localização central, não há como fazer uma conexão mais rápida até a Escandinávia, o Leste ou Oeste Europeu e os países Mediterrâneos. Por isso, toda vez que você estiver na Europa, seja a negócios ou a passeio, voe Lufthansa. A companhia aérea que leva você ao seu destino a partir do coração da Europa. Para maiores informações, ligue para: (011) 236-7711/258-3555 (021) 217-6111



**Lufthansa**



Suas principais partituras, datadas das décadas de 1910 e 1920, são portadoras de harmonias dissonantes e agressivas, de uma rítmica variada e persistente, de timbres vívidos que explodem em meio a formas em expansão. Socialista ativo, viu-se na contingência de emigrar para os Estados Unidos, em 1940, quando o seu país foi invadido pelas tropas nazistas. Na América, era conhecido apenas por um pequeno círculo de fiéis. Além de constantes problemas econômicos, teve o final de sua vida ensombrecido por freqüentes depressões psicológicas e pelo depauperamento causado por uma leucemia fatal.

Bartók escreveu o seu Concerto para Piano e Orquestra nº 3 em 1945, tendo em mente sua mulher, a pianista Ditta Pásztory. Deixou a partitura inacabada nos seus últimos dezessete compassos, completados pelo aluno Tibor Serly. Nessa obra, a leveza da escritura, os longos temas cantantes e a alegria expressa em muitas passagens não refletem, nem de longe, o drama pessoal do autor. Pela evocação que faz da Natureza, esse concerto já foi chamado de a Sinfonia Pastoral de Bartók. O primeiro movimento, um *Allegretto* de escritura transparente, é em forma-sonata bitemática.

O primeiro tema é mostrado pelo piano logo nos compassos iniciais – uma longa melodia de sabor húngaro. O segundo, mais animado e brincalhão, é ligado ao primeiro através de uma bela passagem dada às madeiras.

O *Adagio religioso* seguinte é um cântico apaziguado em forma *Lied* (A-B-A), onde um coral de tocante simplicidade contrasta com uma seção central mais animada. Aí impera um “clima” noturno, que inclui a evocação das chamadas “vozes da natureza”. O movimento final, um rondó *Allegro vivace*, traz à tona uma série de motivos dançantes que se entrelaçam a um refrão particularmente melódico.

ANTONÍN DVORÁK (1841 – 1904)

### Sinfonia nº 7, em Ré menor, *Opus* 70

Nascido na Boêmia, região atualmente pertencente à República Checa, Dvorák sucedeu a Smetana na luta pelo estabelecimento de uma música que refletisse o caráter nacional da sua terra. Mais eclético que o colega mais velho na

assimilação de elementos provenientes do Exterior, Dvorák baseou-se em modelos estrangeiros – notadamente os clássicos e românticos fornecidos pelas obras de Schubert e Brahms – para a criação da sinfonia checa. Dominando o piano, o órgão, o violino e a viola, Dvorák também foi bom regente que, a partir da década de 1870, tornou-se conhecido fora das fronteiras de seu país. Fez carreira sólida em Viena e Londres e, na década de 1890, em Nova Iorque. Entretanto, sentiu-se sempre ligado à pátria, retornando continuamente a ela até falecer em Praga, no dia 1º de maio de 1904. Se, de início, sua música revela as marcas de um “progressismo” bebido em Liszt e Wagner, na maturidade ela se voltou para o novo classicismo trazido à tona por Brahms. Este, aliás, foi um dos primeiros grandes músicos estrangeiros a reconhecer o seu valor. Calorosamente acolhido na Inglaterra, Dvorák recebeu da *Royal Philharmonic Society* o pedido para escrever uma nova sinfonia. Assim nasceu a Sinfonia nº 7, em Ré menor, *Opus* 70, composta entre dezembro de 1884 e março do ano seguinte. Apresentada pelo autor em Londres, no final de 1885, a obra foi grandemente aplaudida. A seriedade e a profundidade de expressão da nova partitura foram logo percebidas e, graças a ela, seu autor passou a ser considerado um dos sinfonistas mais consistentes de sua época. Há quem diga que a Sétima Sinfonia revela bastante bem como o indivíduo que experimentou a tragédia – a recente morte da mãe – soube transformá-la, através do discurso público da sinfonia, em um obra de arte endereçada à coletividade. Fazendo poucas referências à música checa, essa é a mais germânica, ou brahmsiana, das obras sinfônicas do autor.

O *Allegro maestoso* inicial é aberto por um tema austero, nas cordas graves. Ganhando energia e um caráter quase rapsódico, esse tema percorre episódios mais cantantes até desembocar na cativante melodia mostrada por flautas, clarinetas e violinos, que funciona como motivo contrastante exigido pela forma-sonata. Um desenvolvimento denso e repleto de agitação liga-se à habitual reexposição, a qual, por sua vez, dá lugar à coda, que reconduz o discurso ao clima do início, bastante grave. O *Poco adagio* que se segue já foi







**Votorantim.  
Um nome que se constrói desde 1918.**



chamado de o mais perfeito da produção sinfônica de Dvorák. Seus vários motivos aí se encadeiam em um tecido sutil, repleto de profundo lirismo. O *Scherzo – Vivace*, bastante animado, é o momento em que o autor deixa aflorar a sua origem checa, por meio de temas ora dançantes, ora cantantes. O movimento final, *Allegro*, é o mais livre de toda a sinfonia, entrelaçando vários temas de caráter variado. Apesar da tonalidade menor da obra, ela se encerra com uma espécie de otimismo majestoso em tom maior.

JOHANNES BRAHMS (1833 – 1897)

**Concerto n° 2 para Piano e Orquestra,  
em Si bemol maior, Opus 83**

Dentre os grandes compositores românticos, Brahms foi possivelmente o mais apegado à tradição clássica, o mais empenhado em controlar o fluxo da imaginação através do perfeito domínio das formas elencadas pela História. Na época em que viveu, seu academicismo foi tomado ora como uma via criativa de dar continuidade às idéias de Beethoven, ora como um conformismo que, ao ser confrontado com o tom revolucionário da produção wagneriana, dava mostras de ser epigonal e passadista. O distanciamento histórico permitiu ver em Brahms um artista de primeira grandeza, na sua eterna luta para transformar os mais íntimos sentimentos em mensagens endereçadas a todas as almas sensíveis à música erudita.

Brahms abordou o gênero concerto para solista quatro vezes. Destinou dois deles ao seu instrumento predileto, o piano (1861 e 1881), um ao violino (1879) e um para violino e violoncelo (1880). Todos eles mostram um gênio em toda efervescência criativa, dono de um grande poder de invenção. Em cada um deles o compositor conseguiu demonstrar ser capaz de enquadrar as mais candentes emoções em formas firmemente reinventadas, sem que a verdadeira expressividade sofresse nessa operação. O Concerto n° 2 para Piano e Orquestra, em Si bemol maior, *Opus 83*, foi iniciado em 1878. Após uma interrupção, foi retomado e concluído no verão de 1881. Ao utilizar a fórmula pouco usual em quatro movimentos, Brahms parece ter desejado aproximá-lo da

sinfonia. E se seus primeiros ouvintes o consideraram longo demais, na atualidade esse concerto é colocado entre os maiores exemplos do gênero, graças à profundidade da sua expressão e à mágica complexidade dos elementos aí postos em jogo.

O *Allegro non troppo* inicial, baseado em três temas principais e algumas idéias subsidiárias, tem dupla exposição. A primeira delas é aberta pelas trompas e complementada pelo solista; a segunda é introduzida pelo piano. Todas as partes da forma-sonata – Desenvolvimento, Reexposição e Coda, que dão seqüência à Exposição – são marcadas pelo apelo da trompa ouvido nos primeiros compassos. O segundo movimento, *Allegro appassionato*, é um vivo *scherzo* em esquema A-B-A, que já foi chamado de “tumultuoso e fantástico”, portador de “uma sombria veemência” em Ré menor. Vem em seguida o esperado andamento lento, um *Andante* na tonalidade básica da partitura. Nele, o tratamento dado ao violoncelo solo empresta uma inesperada e nova dimensão à partitura, que ganha a aura de um concerto duplo. O andamento final, *Allegro grazioso*, é o mais descontraído de todos. Através de um maleável rondó-sonata, Brahms esbanja temas – são cinco, os principais – às vezes vienenses, às vezes ciganos e “húngaros”. As difíceis passagens destinadas ao solista e o brilho cambiante da orquestração dão a ele um clima de muita luminosidade orquestral.

MAURICE RAVEL (1875 – 1935)

**Rapsódia Espanhola,  
Alborada del Gracioso e Bolero**

Ao lado de Debussy, Ravel foi um dos principais responsáveis pela renovação da música francesa, levada a cabo entre as últimas décadas do século passado e as primeiras do nosso próprio século. Criador de um peculiar universo sonoro, no qual a voz, os instrumentos solistas – sobretudo o seu adorado piano –, os grupos de câmara e a orquestra sinfônica foram profundamente repensados, ele também foi o desbravador de um novo mundo harmônico. Curiosamente, foi um conservador no seu gosto pelas formas tradicionais, sobretudo as ligadas a movimentos de danças.

Para Igor Stravinsky, Ravel foi “o relojoeiro suíço da orquestração”. Apesar da ironia, a *boutade* do compositor russo aponta para as qualidades de Ravel enquanto orquestrador: precisão, meticulosidade, perfeição. Dono de maestria incomparável, ele foi o responsável por algumas das mais brilhantes obras orquestrais escritas no início do século XX. Já se disse até que Ravel teria levado às últimas consequências o alto grau de refinamento das orquestrações de Debussy, a feérica visão instrumental dos músicos russos – notadamente Rimsky-Korsakov – e a capacidade de Richard Strauss de fazer render ao máximo, de maneira opulenta, as múltiplas combinações sonoras. Primeira obra orquestral de fôlego de Ravel, *Rapsódia Espanhola* é de 1907. Seus quatro episódios vivem da evocação de ritmos de danças e de “climas” relacionados a uma Espanha de sonho. *Prélude à la nuit* é uma fantasia em Fá maior de andamento moderado, dominada por um motivo de quatro notas incessantemente repetido. *Malagueña*, na mesma tonalidade, faz a orquestra dançar com volúpia em meio a refinados rendilhados sonoros. A *Habanera* que vem em seguida, em Fá sustenido maior, exhibe quatro temas sobre o ritmo reiterado mas elástico. *Feria*, por sua volta, é uma animada fantasia em Dó maior, que alterna exaltação e langor a fim de evocar uma festa popular cheia de vibração.

Originalmente aparecida na coleção de peças para piano *Miroirs* (1905), *Alborada del Gracioso* foi orquestrada por Ravel em 1918. O título da peça faz a referência à serenata matinal do bufão, personagem das comédias espanholas do período barroco. Inspirada longinquamente nos quadros sonoros de Albéniz, a obra recria sonoramente uma Espanha de cores violentas e de ritmos selvagens, onde o tom desenfreado das danças cede lugar, às vezes, a cantilenas cheias de melancolia.

Em seu estilo sempre muito lacônico, foi o próprio Ravel quem disse: “Em 1928, por encomenda de Mme. Ida Rubinstein, compus um bolero para orquestra. É uma dança de andamento bem moderado e constantemente uniforme, tanto pela melodia e harmonia quanto pelo ritmo, este último marcado sem cessar pelo tambor militar. O único elemento de diversidade é fornecido pelo *crescendo* orques-

tral”. A partitura, no fundo, é “uma experimentação instrumental”, segundo o autor. Ela se organiza sobre um ritmo básico e imutável. Sobre ele são repetidas duas frases melódicas de dezesseis compassos, cada uma subdividida em duas seções de oito compassos. Elas se apóiam sobre uma harmonia relativamente simples – Dó maior, no fundo – que só é modificada perto do final, para um inesperado Mi maior, logo substituído pela tonalidade do início. A melodia é extremamente peculiar: faz referências à música espanhola e às músicas orientais, insinuando efeitos modalizantes. A cada retomada do tema somam-se novas cores orquestrais, em uma intensidade cada vez mais viva. O encanto de *Boléro* decorre, pois, da maneira como, nessa obra, Ravel agencia o timbre e a dinâmica, através da orquestração, que inclui cores instrumentais raramente utilizadas, como o oboé *d’amore*, o clarinete em Mi bemol (*sopranino*) e três tipos de saxofone. Durante o calculadíssimo *crescendo*, novas combinações instrumentais vão sendo colocadas em jogo, fazendo com que a ampliação se dê não apenas no campo do volume sonoro como também no domínio do timbre. Assim, a grande personagem de *Boléro* bem pode ser a constante renovação do colorido instrumental, proporcionada pela orquestração.





# Na BOVESPA, a cultura está sempre em alta.



Bolsa de Valores de São Paulo tem muito orgulho de investir em cultura.  
Nos 85 anos da Sociedade de Cultura Artística não podia ser diferente.  
BOVESPA, patrocinadora da Temporada Internacional da Sociedade de Cultura Artística.

**BOVESPA**  
Bolsa de Valores de São Paulo



# PREVER

Previdência

PREVIDÊNCIA

PREVER



**TEM FUTURO, TEM PREVER.**

Ligue para a Central Prever de Relacionamento, no telefone 0800-16-1600.